

DEUS SEGUNDO O OLHAR DE KAZANTZAKIS E HILDA HILST.

Kamilla Kristina Sousa França Coelho
Mestranda UFU (CAPES)

RESUMO: Este artigo almeja discutir a visão de Hilda Hilst sobre Deus, buscando mostrar como essa é uma recriação das idéias de Nikos Kazantzakis. A autora discute em sua vasta obra, e, principalmente, em “Poemas malditos, gozosos e devotos”, o valor de Deus e sua importância para o homem. Assim, perceberemos o quanto a poeta inova nas imagens e nas metáforas para caracterizar Deus. Analisaremos alguns poemas de Hilda em que a poeta considera Deus um ser comum, dependente dos homens para seu louvor e adoração. O ser divino não seria superior, poderoso e sábio, como diz o Cristianismo, mas ele estaria sujeito a condições de solidão, tristeza, medo e ódio como qualquer ser humano. Esse olhar cético da autora quanto aos antigos paradigmas religiosos, faz com que ela busque definir uma nova visão de Deus, fato que a equipara aos maiores escritores contemporâneos.

PALAVRAS-CHAVE: Hilda Hilst, literatura, Nikos Kazantzakis, poesia, Deus.

ABSTRACT: This article has the object to argue and discuss the Hilda Hilst’s vision about God, trying to show how these ideas are a recreation of the Nikos Kazantzakis’ thoughts. Hilda discusses in her books, and, mainly, in “Poemas malditos, gozosos e devotos”, the value of God and his importance to the man. Thus, we will perceive how the poet innovates in the images and the metaphors to characterize God. We will analyze some poems of Hilda where the poet considers God a common person, include because he is - in Hilst’s opinion - dependent of the men for his praise and worship. Good would not be superior, powerful and sage, as the Christianity says, but he would be subject to conditions of solitude, sadness, fear and hatred as any human being. This skeptical position of the writer, in relation of old religious paradigms, promote her search for a new definition of God, promoting her to hall of the biggest contemporaries writers.

KEY-WORDS: Hilda Hilst, literature, Nikos Kazantzakis, poetry, God.

I - Introdução

Hilda Hilst (1930-2004) - cronista, poeta e dramaturga - nasceu em Jaú, São Paulo, e aos 36 anos mudou para a Casa do Sol, uma fazenda nas proximidades de Campinas. Tal mudança ocorreu sob influência da leitura da obra *Testamento a El Greco*, do escritor grego Nikos Kazantzakis, dedicando-se exclusivamente ao estudo e à produção literária a partir desse momento. Essa obra de Nikos defende a idéia de que é fundamental isolar-se da convivência social para atingir o conhecimento do ser humano. A autora dizia que era importante um desaprender sobre o social e o humano para, assim, se aprender mais e melhor, e que seria necessária uma renúncia ao social para o próprio crescimento intelectual. Desse modo, Hilda muda-se, em 1966, para a Casa do Sol, fazenda da família nos arredores de Campinas-SP.

A influência de Kazantzakis na vida e obra de Hilda Hilst se estende aos temas, assuntos e personagens. A poeta recria as idéias de Nikos em toda a sua vasta obra. Porém, o tema e personagem que vamos focar neste artigo é a busca por Deus, almejando entender quem seria Deus na visão hilstiana. Para tanto, percebemos que a leitura da obra *Ascese – Os salvadores de Deus*, de Kazantzakis, se torna fundamental.

Essa comparação, mais aprofundada, entre tão grandes escritores é importante, pois é inovadora e inédita no meio acadêmico. Muitos estudos revelam como foi dito a influencia de Nikos na mudança de moradia de Hilda, porém detectamos que após a leitura de outras obras, a poeta recria muitas imagens desse filósofo, principalmente, no que diz respeito a Deus.

II- A recriação de Nikos Kazantzakis em Hilda

Quando iniciamos a leitura dos poemas, prosa e teatro da escritora brasileira, notamos que Deus em sua obra está distante de ser o Deus apresentado pelo ideário do cristianismo. A figura divina não nos ajuda, não nos socorre e não nos ama, pelo contrário, ela sim depende de nós, de nosso amor, de nosso louvor e adoração, já que somente assim viveria. Nós, os animais e as árvores – criações divinas – seríamos os responsáveis pela existência desse ser superior, seríamos o degrau de sua ascensão.

Por isso, explico que Hilda recria as concepções do pensador grego, já que ele revelou que Deus agarrava-se às árvores e aos animais, e apóias-se sobre o Homem e chamus. Essa ação de agarrar-se aos corpos vivos, se justifica porque ele não dispõe de outra proteção, gritando por socorro e convoca a mobilização do universo inteiro

(KAZANTZAKIS, 1959) Ainda acrescenta que o ser divino é “Carne de nossa carne, Ele está em nós e arrisca tudo. Só se pode salvar se nós, por nossa luta, O salvarmos. E não nos podemos salvar se Ele próprio não for salvo.” (KAZANTZAKIS, 1959, p.88)

A luta de Hilda e Nikos não é somente, então, pelo engrandecimento do divino, é pela manutenção de suas próprias existências. Deus os criou e se o ser celestial morrer os meros humanos também falecerá. Assim, o grego percebe que durante o clarão ínfimo de nossa vida, ele sente que Deus se apóia inteiramente em nós. Ainda confirma: “Não, Deus não nos salvará; nos O salvaremos pela luta, pela criação, pela transformação incessante da matéria em espírito.” (idem, p.90)

Analisaremos o primeiro poema da obra hilstiana, Poemas malditos, gozosos e devotos, ansiando encontrar e confirmar a visão de Hilst sobre Deus, que defendemos acima.

Pés burilados
Luz-alabastro
Mandou seu filho
Ser trespassado

Nos pés de carne nas mãos de carne
No peito vivo. De carne.

Pés burilados
Fino formão
Dedo alongado agarrando homens.
Galáxias. Corpo de homem?
Não sei. Cuidado.

Vive do grito
De seus animais feridos
Vive do sangue
De poetas, de crianças

E do martírio de homens
Mulheres santas.

Temo que se aperceba
De umas misérias de mim
Ou de veladas grandezas.
Soberbas
De alguns neurônios que tenho
Tão ricos, tão carmesins.
Tem esfaimada fome
Do teu todo que lateja.

Se tenho a pedir, não peço.

Contente, eu mais lhe agradeço
Quanto maior a distância.
E dó porisso uma dança, vezenquando
Se faz nos meus ossos velhos.

Cantando e dançando, digo:
Meu Deus, por tamanho esquecimento
Desta que sou, fiapo, da terra um cisco
Beijo-te pés e artelhos.

Pés burilados
Luz-alabastro
Mandou seu filho
Ser trespassado

Nos pés de carne
Nas mãos de carne
No peito vivo. De carne.

Cuidado. (HILST, 2005, p.14-5)

Dando início ao poema, Hilst descreve a situação de Jesus na cruz, questionando o fato dele estar exposto e sofrendo no calvário, a mando de seu pai impiedoso. Jesus está com os *pés burilados*, sendo que, ele, como filho de Deus, deveria ser *Luz-alabastro*. Mas não, o ser divino e superior *mandou seu filho ser trespassado*. Inicia-se uma discussão e uma apresentação de Deus em que ele não seria piedoso, amoroso e poderoso. Ele submeteria, inclusive, seu filho unigênito a tais condições de sofrimento e abandono. Assim, *nos pés de carne nas mãos de carne e no peito vivo. De carne.*, nesses lugares estava exposto sua amargura. Sabemos que foram fincados pregos em suas mãos e em seus pés e chicoteado seu peito. Tamanho sofrimento ainda não encontrou similares na história.

Seus *pés burilados*, como um *fino formão*, apresentam um – mas poderiam ser vários - *dedo alongado agarrando homens*, não só homens, mas *galáxias*. Uma busca por aquela solução que só a própria criação divina poderia proporcionar, a sua salvação, a sua adoração, que seria capaz de elevá-lo como um Deus. Mas, Jesus já não era Deus? Por isso, a poeta questiona: *Corpo de homem?* E ela mesma responde *não sei. Cuidado*.

Jesus é mandado por Deus a terra, buscando estreitar os laços com os homens, seu filho seria um intermediário entre Deus e sua criação. Seria, suspeito, então encarar Jesus como somente um corpo de homem, como um humano comum. Ele é sim um Deus, mas nas mesmas condições de dependência de seu pai, pois *vive do grito de seus animais feridos, vive do sangue de poetas, de crianças e do martírio de homens* e de

mulheres santas. Sua criação o faz viver, sendo o sofrimento de homens e mulheres santas, de pessoas que abdicam de suas próprias vidas para adorá-lo, que o faz viver. A escrita incessante, o sangue e o trabalho do poeta, é a garantia da vida e existência de Deus. Percebemos que “Esse movimento indestrutível e pré-humano é a única progressão visível do Invisível sobre a terra. Plantas, animais e homens são os degraus que Deus criou na escada de sua ascensão.” (KAZANTZAKIS, 1959, p.77)

O ser divino depende de nós, de nossa adoração e de nossa força, por isso Hilda diz: *temo que se aperceba de umas misérias de mim ou de veladas grandezas*. As misérias o diminuiriam, pois menor quem louva menor o ser louvado. E também as grandezas o enfraqueceriam, pois ele perceberia o quanto é dependente e menor que sua criação. Essas preocupações se estendem à inteligência da escritora, sobre *alguns neurônios que possui tão ricos, tão carmesins*. Eles seriam ameaça a soberania de Deus? Não, pois todos seus neurônios e tudo presente na poeta *tem esfaimada fome do teu* – de Deus - *todo que lateja*. Cada minúscula parte e componente da escritora lutam, almejam e desejam Deus. Deseja dar-lhe vida e grandeza, já que somente esse fato permitiria a permanência de sua existência como ser humano.

A escritora entende a dependência de Deus, a fraqueza e a necessidade que ele cresça para a manutenção de sua existência. Assim, ela diz: *se tenho a pedir, não peço, contente, eu mais lhe agradeço*, sendo essa uma forma muito coerente de engrandecer e exaltar Deus, mostrando-lhe somente as coisas boas que ele conseguiu realizar, esquecendo o que falta. A distância assumida entre Deus e o homem se faz também de fundamental importância, pois *quanto maior a distância*, isso significa que Deus cresceu e engrandeceu, se afastando um pouco de nós, por momentânea independência. *E só porisso uma dança, vezenquando se faz nos meus* – da poeta - *ossos velhos*, uma vez que a percepção de seu relevante papel e conquista da exaltação de Deus, lhe será o único motivo que verdadeira felicidade, merecendo uma dança.

Em uma demonstração de alegria por um desejo alcançado – a exaltação de Deus e seu breve distanciamento – Hilda revela que *cantando e dançando, digo: meu Deus, por tamanho esquecimento desta que sou, fiapo, da terra um cisco beijo-te pés e artelhos*. A escritora continua a exaltá-lo a beijar-lhe os pés quando nota que cada poema, louvor teve resultado.

Porém, para finalizar o poema, lembrando que sua luta é por e para um Deus cheio de defeitos ela lembra a crucificação de Jesus novamente, e pergunta que mistério haveria por trás, já que seu corpo pode não ser de um humano e sim de um

Deus. Assim conclui os versos: *Pés burilados Luz-alabastro mandou seu filho ser trespassado*, sendo que via sinais de humano *nos pés de carne, nas mãos de carne, no peito vivo. De carne*. Porém, era necessário *Cuidado* no que se referia ao entendimento de Deus.

Toda essa luta hilstiana pelo conhecimento do ser divino é uma recriação das idéias e discussões de Kazantzakis. O grego dizia que o único desejo que o possuía era surpreender o que se ocultava por trás do visível, penetrar o mistério que lhe dava a vida e o levava, e saber se uma presença invisível e imutável se ocultava para além do fluxo incessante deste mundo. Logo, percebendo seu objetivo, Nikos se pergunta – e responde - o que fará após a sua descoberta da existência de Deus: “Qual será meu dever? Romper o corpo; lançar-me à união com o Invisível; impor silêncio a meu cérebro, a fim de ver e ouvir o apelo do Invisível.” (KAZANTZAKIS, 1959, p.28)

Semelhantes concepções, encontramos no poema cinco da mesma obra hilstiana, vejamos:

Para um Deus, que singular prazer.
Ser o dono de ossos, ser o dono de carnes
Ser o Senhor de um breve Nada: o homem:
Equação sinistra
Tentando parença contigo, Executor.

O Senhor do meu canto, dizem? Sim.
Mas apenas enquanto dormes.
Enquanto dormes, eu tento meu destino.
Do teu sono
Depende meu verso minha vida minha cabeça.

Dorme, inventado prudente menino.
Dorme. Para que o poema aconteça. (HILST, 2005, p.23)

Após a primeira leitura do poema, percebemos que a discussão principal de Hilda é a importância do momento da noite, pois o noturno seria como a ocasião perfeita para a produção de poemas. Esse instante é a ocasião em que Deus dorme, sendo o momento perfeito para que o poeta mostrasse sua ousadia produzindo poemas. Com essa idéia de um Deus que se cansa e dorme, a escritora inicia a construção de um novo ideário e imaginário na construção de quem seria o ser divino, já que não é o Deus descrito na Bíblia e defendido pela religião cristã. Deus de amor, bondade, compreensão, piedade, refúgio, abrigo, poder, sabedoria, inteligência e outras

qualidades extremamente positivas, esse Deus morre na obra de Hilda e renasce um Deus em condições igualitárias e equiparadas com as humanas.

Logo, quando digo que Hilda reconstrói muitas idéias de Nikos Kazantzakis e as adapta para sua poesia, me refiro a esse novo conceito do ser divino. Esse filósofo, em sua obra *Ascese: Os salvadores de Deus*, revela que:

“Meu Deus não é só bondade: ele é duro, sua justiça é selvagem, sem misericórdia; ele só escolhe o melhor. Não tem pelos homens e pelos animais, pelas virtudes e pelas idéias, nenhuma espécie de clemência. Ele as ama por um instante, as esmaga para sempre, e passa.” (KAZANTZAKIS, 1959, p.86)

Nessa ocasião o Deus bondoso, caridoso e piedoso deixa de existir, e surge um ser egoísta que sobe e se ergue passando por cima dos homens. Sendo dominado por insegurança no saber, no falar e no agir, portanto: “Deus não é sabedoria. Seu cérebro é um desenrolar de luz e trevas no labirinto da carne.” (idem, p.86) O cérebro de Deus dominado por indecisão e insegurança: *luz e trevas*, no labirinto da carne, no que há de mais humano. Assim, o que diferenciaria Deus do homem, a invisibilidade e a carne, não mais separa. No ideário de Nikos, e agora de Hilda, morre também o Deus sensato e calmo, que seria capaz de resolver todos os problemas da terra, pois ele fica tomado de angústia sobrepairando ao caos. A serenidade para lidar com os problemas e resolvê-lo, é revelada como não mais existente quando o ser divino paira sobre o caos e se angustia. O Deus vencedor também morre: “Meu Deus não é todo-poderoso [...] É vencido inúmeras vezes, e inúmeras vezes se levanta, coberto de sangue e de poeira, para recomeçar o combate.” (idem, p.85-6) Deus não é tomado pelo poder e pela vitória, não é o rei da guerra, que fará dez mil cair a minha direita e dez mil a minha esquerda e nada me acontecer, já que Deus luta sem certeza se poderá vencer ou se será vencido. Nada é certo no universo, por isso atira-se, pois na incerteza, e arrisca a cada instante o seu destino. De tal maneira, o ser celestial, também, não é só bondade, e por isso não podemos esperar tranquilamente que tenha piedade de nós. (KAZANTZAKIS, 1959)

Desse Deus frágil e humanizado, Hilda se apieda quando o vê sozinho, isolado e solitário no céu e decide que lhe fará companhia e o engrandecerá por meio de seus poemas. Sua literatura seria, então, voltada sempre para o ser divino, seu maior personagem seria ele. Assim, o Deus aparece como o desejo maior de todos os seus personagens menores dos poemas, romances, crônicas e teatros. Nesse caso mais específico, é onde busco focar, seus poemas são construções que falam e que buscam

entender o ser celestial. A produção literária hilstiana passa a ser uma busca de entendimento de Deus para entender o próprio eu-lírico, pois entendendo o criador e suas angústias, entenderíamos a nós mesmos. Porém, mais do que isso a escrita seria forma de manutenção da vida do ser divino. Ele só existiria se alguém o louvasse e o engrandecesse, de maneira que, se não pensássemos nele, ele deixaria de existir. Por isso, Hilda é a criadora de Deus.

Hilda, então, entende que a produção de seus poemas é fundamental, mas que para fazê-lo ela necessita da noite, de um tempo sozinha, em que seu personagem maior não lhe olhe. Logo, a noite temida, por diversas épocas da literatura, é desejada como um instante de pura liberdade e criatividade da escritora. Podendo, o autor, ser criador de poemas, mas mais do que isso, podendo ser criador de Deus. A imaginação e a conceituação, e principalmente, a verbalização é o que faz com que algo exista, assim esse Deus com características humanas e dependentes só existiria se Hilda o cantasse e o cultuasse em sua poesia. Por isso, Hilda recria Kazantzakis quando se considera uma salvadora de Deus, pois o filósofo acreditava que Deus o contempla com terror e amor, “pois só tem uma esperança que era ele, e lhe diz: Esse extático que cria todas as coisas, que aniquila todas as coisas após havê-las usufruído, esse extático é meu filho.” (KAZANTZAKIS, 1959, p.79) E com essa opinião sobre Deus o filósofo grego revela que: “Deus está em perigo! Não é todo-poderoso; se o fosse, poderíamos dar por certa a sua vitória, e ficar de braços cruzados.” (idem, p.88)

Após essa breve e explicativa explanação, retornemos ao poema. Esse Deus hilstiano é tomado por características, defeitos e dependências humanas, assim ele se cansa e dorme como qualquer ser humano. E esse momento da noite é a ocasião perfeita para que o poeta produza e busque entender Deus, já que ele dorme e nada vê. Assim percebemos nestes versos: *O Senhor do meu canto, dizem? Sim./ Mas apenas enquanto dormes./ Enquanto dormes, eu tento meu destino./ Do teu sono/ Depende meu verso minha vida minha cabeça.* A vida divina e sua existência depende, então, destes momentos de produção. A poeta revela que ele é um *menino inventado*, uma invenção sua, uma produção sua. Assim nos diz: *Dorme, inventado prudente menino./Dorme. Para que o poema aconteça.*

Da mesma maneira, em outro poema Hilda defende essa idéia da noite como um período perfeito de alta e de mais fácil produção. O primeiro poema da seção *Exercícios para uma Idéia* presente no livro *Exercícios*, uma voz interior do eu-lírico diz a ele que

é noite e que, deste modo, é momento de produção e criação de Deus. Vejamos um trecho do poema:

“E o mais fundo de mim
Me diz apenas: Canta,
Porque à tua volta
É noite. O ser descansa.
Ousa.” (HILST, 2002, p.29-30)

Essa voz íntima do eu-lírico lhe revela que Deus dorme e que é hora de ousar de buscar compreendê-lo, já que neste momento o ser divino não observa, repousa. Assim, este momento da noite seria a melhor temporada para o eu-lírico ousar, o que faria com que ele entendesse Deus.

III- Conclusão

Após esse estudo da obra de Nikos Kazantzakis e a análise de dois poemas de Hilda Hilst, entendemos que, realmente, Deus assume a posição de dependente dos homens, pois o ser divino só existiria do sacrifício e da escrita do poeta. Assim, a perigosa esperança de que se mantém é a de que o Deus que se nega busca a perpetuidade de seu ser na dor de quem o deseja. Nesse caso, a poesia, enquanto evidência do desejo, é por assim dizer a condição de existência de Deus. (PÉCORA, 2005)

Portanto, o poema é o meio e condição da vivência de Deus, de modo que a maior preocupação do poeta passa a ser o entendimento de quem é essa figura divina, frágil, inseguro e dependente do homem. Assim, “A grande questão que resta ao poeta metafísico é: quem é o Deus que vive exclusivamente na dor de sua poesia? Que ser especioso e perverso se movimenta ali?” (idem, p.12)

Sendo que a pior das hipóteses é a falta de esperança da existência de um Deus bom caridoso, bondoso e amável. Pelo contrário, Nikos e Hilda percebem a existência de “um Deus sanguinário, que se alimenta de dor humana: “Vive do rito/ De seus animais feridos/ Vive de sangue/ De poetas, de crianças.”” (idem, p.11) Além disso, essa nova figuração do ser divino expõe e revela um “Deus que é “punho” e “estilhaça”, que é “quase sempre assassino”, senhor apenas “de carne e ossos”, cujas mãos sagradas sabem dar “coronhadas exatas”.”(idem)

Referências Bibliográficas

HILST, Hilda. *Exercícios*. São Paulo: Globo, 2002. 272 p.

_____. *Poemas malditos, gozosos e devotos*. São Paulo: Globo, 2005. 92 p.

KAZANTZAKIS, Nikos. *Ascese: Os Salvadores de Deus*. Rio de Janeiro: Record, 1959. 120 p.

PÉCORA, Alcir. Nota do Organizador. In: HILST, Hilda. *Poemas malditos, gozosos e devotos*. São Paulo: Globo, 2005. p. 9-12.

Kamilla Kristina Sousa França Coelho

kamilla_lili@yahoo.com.br

Rua Izaú Rangel de Mendonça, 540, apt 302. Jardim Finotti. Uberlândia- MG

(34) 3238-5786